

- ESTUDO
- REPORTAGEM
- COMÍCIOS E SESSÕES
- ASNEIRA

MOVIMENTO DEMOCRÁTICO DE
LIBERTAÇÃO DE PORTUGAL
M. D. L. P.

Mandat extraordinaire

MM. les Drs. José Valle de Figueiredo et Luis Oliveira
Dias (détenteurs des passeports portugais respectivement n.ºs.
13830/72, du 26 Avril 1972 et 23903/72, du 15 Novembre 1972) nos
Adjointes Politiques, sont mandatées comme mes représentants aussi
bien que du Movimento Democrático de Libertação de Portugal (MDLP),
avec pour mission conclure des conversations relatives à l'appas
financier et logistique pour satisfaire aux besoins du Mouvement
ci-dessus.

Fait à Genève, le 22 Mars 1976

Le Président

António de Spínola
General

Nota: Le passeport brésilien n.º. 045890, du 7 Janvier 1976, consti-
tue complément à cette lettre de créance, nommant
qui concerne la confirmation de sa signature.

PROVA CONCLUDENTE APRESENTADA POR GUNTHER WALLRAFF

Publicamos abaixo a tradução da "Credencial Extraordinária" que, no papel timbrado do "Movimento Democrático de Libertação de Portugal", MDLP, foi entregue por Spínola aos seus representantes para os contactos *conspirativos*:

"Os srs. drs. José Valle de Figueiredo e Luis Oliveira Dias (possuidores dos passaportes portugueses respectivamente n.ºs 13830/72, de 26 de Abril de 1972 e 23903/72, de 15 de Novembro de 1972), meus assessores políticos, são credenciados como meus representantes assim como do Movimento Democrático de Libertação de Portugal (MDLP), tendo como missão concluir conversações relativas ao apoio financeiro e logístico para atender as necessidades do citado Movimento.

"Folto em Genebra, no dia 22 de Março de 1976

O Presidente (a) António de Spínola - General"

Este documento — também publicado pela "Stern" — tem no final uma nota: "O passaporte brasileiro n.º 045890, de 7 de Fevereiro de 1976, é um complemento desta credencial nomeadamente no que se refere à confirmação da sua assinatura".

Vitória das forças democráticas DEMITIDO O PRESIDENTE DA CA DE ALBUFEIRA

FARO — O governador civil do distrito, dr. Almeida Carrapato, assinou ontem um despacho que exonera das funções de presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Albufeira o dirigente do PPD, Carlos Oliveira Macieira, a quem as forças democráticas locais exigiram que se demitisse.

Carlos Oliveira Macieira fora eleito para o cargo de presidente da CA há cerca de dois meses, numa votação em que participaram apenas 19 por cento dos eleitores do concelho. A vitória da sua candidatura, apoiada com muito empenho pelo PPD, de que é dirigente concelhio, foi conseguida graças à votação conseguida nas freguesias rurais, onde reina o caciquismo.

As forças democráticas do distrito exigiram a demissão do

dirigente "pêpêdista" depois que o secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, exigiu que se esclarecesse se o presidente da CA é o mesmo indivíduo que foi acusado e condenado como co-responsável de uma das maiores burlas julgadas em tribunais portugueses, em 1967. O processo, que custou a Carlos Oliveira Macieira o cumprimento de pena de três anos e meio de prisão maior referia-se a uma burla de quarenta e dois mil contos praticada na sociedade "A Financiadora", com sede em Lisboa, nos Restauradores.

O dirigente "pêpêdista", em reunião realizada na terça-feira no Governo Civil, havia pedido vinte e quatro horas para pensar sobre a atitude a assumir, mas, durante esse período de tempo, não apresentou formalmente o seu pedido de demissão.

Director: Miguel Urbano Rodrigues • Ano 1 • n.º 77 • Preço 4\$00 • 9-4-76 • Propriedade de Editorial Caminho

SPÍNOLA EXPULSO PELO GOVERNO SUÍÇO

● «o diário» INICIA HOJE A PUBLICAÇÃO DA REPORTAGEM DA «STERN»

O "caso Spínola", isto é o escândalo mundial desencadeado, pelas revelações da revista alemã "Stern" sobre as manobras conspirativas desenvolvidas pelo ex-presidente da República teve em Portugal a mais ampla repercussão. Individualidades, forças e jornais da direita, apressaram-se a desmentir a "Stern" e o jornalista Gunter Wallraff, chegando a afirmar que a reportagem era totalmente inventada e que o repórter alemão nunca se encontrara com

portuguesas que, segundo o repórter, estariam envolvidos no seu esquema conspirativo.

Spínola recebeu ontem das autoridades suíças ordem de expulsão. A decisão do governo de Berna foi a mais categórica das confirmações trazida às revelações de Gunter Wallraff, publicadas na "Stern". A história é realmente fantástica. Parece irreal. Mas a sua autenticidade não pode ser contestada. Homem inteligente, mas

pateta qualquer. Cobriu-se de ridículo perante o mundo inteiro. A fotocópia das credenciais assinadas pelo seu punho — entregue aos seus representantes José Valle de Figueiredo e Luis Oliveira Dias — ridiculariza, por sua vez, os políticos e jornais de direita que, prematuramente, tentaram desmentir o indesejável.

"O diário" publica hoje a primeira parte do longo texto divulgado pela "Stern". Amanhã publicaremos o resto da reporta-

as Forças Armadas. Quem garante que determinados oficiais estão com ele, Spínola, não somos nós. E a palavra de Spínola e seus homens não merece crédito. Diziam o mesmo no 28 de Setembro e era mentira. Voltaram a dizê-lo nas vésperas do 11 de Março e mentiam novamente.

O importante, o fundamental são as provas da conspiração. E essas não podem ser refutadas. As fotografias e o documento das credenciais destroem qualquer defesa do homem que principiou a trair o povo português no dia 26 de Abril, e no exílio, luta pela volta do fascismo. (Reportagem e mais noticiário na pag. 5)

Registo VELHOS AMIGOS

Numa entrevista ao semanário "Tempo", o sr. Sá Carneiro confessa ter sido "surpreendido pelo 16 de Março e pelo 25 de Abril. Fiquei convencido — disse — de que o 16 de Março iria reforçar ainda mais o regime. Mas o regime procedeu, a meu ver, com uma total incompetência e mais tarde deu-se o 25 de Abril".

A sensibilidade política do sr. Sá Carneiro não melhorou com o tempo. Depois de acreditar que o fascismo moribundo sairia reforçado da crise da Primavera de 74, não entendeu também o significado do 25 de Abril. Na sua opinião "o Movimento aparecia muito ligado à figura do general Spínola e às ideias que ele tinha expresso no livro "Portugal e o Futuro".

O erro de análise é compreensível. O sr. Sá Carneiro era então já um admirador de Spínola. Recorda que em 1972 estava ligado a um grupo "que queria apresentar a candidatura de Spínola". E só a não apresentou porque Spínola, ao tempo procônsul na Guiné-Bissau, "não quis levar a ideia avante".

A admiração, como se verifica, é antiga. As afinidades entre o secretário-geral do PPD e o homem que ele desejava ver na Presidência reforçaram-se com o tempo. Hoje resistem à distância. O sr. Sá Carneiro declara que o "11 de Março foi um golpe de esquerda", um golpe que teria permitido a instalação do "poder comunista". O autor do golpe do 11 de Março, o próprio Spínola, disse o mesmo quase com as mesmas palavras.



Spínola, de óculos escuros e cachecol, desce à porta do restaurante de Dusseldorf para o almoço mais ridículo da sua vida. Esperam-no o jornalista Gunther Wallraff e sua mulher, Hella Schlumberger. Foi no dia 25 de Março.

Spínola. Simultaneamente vários desses jornais iniciaram uma campanha contra "o diário", manifestando estranheza por não havermos publicado os nomes de oficiais das Forças Armadas

cada vez mais desequilibrado pelo ódio cego à democracia e ao seu próprio povo, Spínola comportou-se na emergência não como um conspirador de terceira classe, mas como o faria um

gem. Suprimos apenas, uma vez mais, as referências a membros das Forças Armadas e do Conselho da Revolução. Deixamos essa tarefa para forças e jornalistas interessados em dividir

MESMO SEM PROVAS... JUIZ-SINDICANTE DO MT «ACONSELHA» SANEAMENTOS...

Não tem havido um "número significativo de denúncias" de "ilegalidades" e "irregularidades" praticadas pelos anteriores responsáveis pela Secretaria de Estado do Trabalho — reconhece o juiz sindicante da SET, num ofício dirigido a um alto funcionário do Ministério do Trabalho.

Não obstante, considerando, entre outros factores, que "vai ficando a impressão de que se não tira proveito das lições havidas, e se instala uma desconfiança que vai inquinando a boa ultimate de assuntos laborais", o juiz "aconselha" um director-geral do Ministério do Trabalho a que proceda, "independentemente dos resultados finais da sindicância", à "desafecção" de trabalhadores que possam ser "eventualmente" mais "prejudiciais" do que "benéficos"... (pág. 5)

A REPORTAGEM DA «STERN» — 1.^a PARTESPÍNOLA E «SEUS HOMENS»
ENTRE BRAGA E DUSSELDÖRF

No domingo depois da Páscoa, a 25 de Abril, Dia da Revolução, Portugal vai escolher pela primeira vez desde há 50 anos um parlamento livre. Claros favoritos são os partidos conservadores. Se forem bem sucedidos nas eleições, uma conspiração de extrema-direita liquidará os comunistas e socialistas. O chefe — o ex-presidente da República de Portugal e ex-general, Spínola. Os seus planos terroristas foram descobertos pelo jornalista alemão Günter Wallraff, que por acaso, no Norte de Portugal, se pôs na pista dos conspiradores. A prova deu-a o próprio Spínola numa viagem secreta a Düsseldorf.

Düsseldorf, 25 de Março de 1976, 13 e 15 horas:

Bronzeado, com óculos de sol, o chapéu puxado para a cara e embuçado num cachecol, o chefe secreto dos conspiradores portugueses, com o visto de "General Walter", saiu de um carro em frente ao bar "Schnellerburg". Ia encontrar-se no Reno com os seus correligionários alemães, que deviam fornecer-lhe (arranjar-lhe), entre outras, 5000 espingardas, 11 milhões de munições (de tiro) e 11 milhões de marcos para o planeado "putsch"...

(...) Wallraff disfarçou-se de representante de uma organização secreta da República Federal Alemã, que queria apoiar a direita em Portugal com dinheiro e armas. O seu truque resultou: não suspeitando de nada, os ultras de Portugal esclareceram Wallraff acerca do seu ilegal negócio de armas, sobre o "putsch" e os seus planos de liquidação.

Acompanhado de Günter Wallraff, com óculos escuros, e da companheira deste, dr.^a Hella Schlumberger, o "General Walter", aliás ex-general António de Spínola vai a Düsseldorf ao encontro dos "conspiradores". O oficial colonial, de 66 anos, que foi presidente da República de Portugal, de 15 de Maio a 30 de Setembro, teve de fugir da sua pátria, depois do falhado golpe de 11 de Março de 1975.

Desde então ele tenta um regresso político — por agora como chefe da organização secreta MDLP que "em Maio ou o mais tardar em Junho" quer apoderar-se do poder.

Os conspiradores sentaram-se no restaurante "Schnellenburg", beberam *champagne* e comeram costeletas de veado.

Depois, o general foi direito ao assunto — "Alegra-nos saber" — comunicou ele "que dispomos de mais de 100000 homens, numa rede bem organizada. Estes homens não são novatos. O nosso inimigo principal é o Partido Comunista, e nós somos aqueles que eles ofensivamente combatem. A missão do nosso movimento no campo militar é a anulação das "brigadas internacionais".

"Fisicamente?", perguntou um dos alemães presentes.

"Sim", disse o general.

O general, com o nome falso não era outro senão o general de 5 estrelas António de Spínola, que viajara secretamente. O movimento, para o qual ele pediu apoio, em 25 de Março deste ano em Düsseldorf, era o Movimento Democrático de Libertação de Portugal (MDLP) a mais poderosa organização secreta dos ultras da direita portuguesa. Eles querem derrubar pela força o governo de Lisboa constituído por militares de esquerda moderados e por políticos de partidos liberais e socialistas.

O golpe, segundo o comunicaram os ajudantes de Spínola "José" e "Luís", está preparado "para Maio, o mais tardar Junho". Contudo, para que o sucesso seja garantido, precisam ainda os conspiradores de auxílio financeiro e militar — 6000 espingardas e pistolas-metralhadoras, para cima de 11 milhões de munições (de tiro), 10000 granadas de mão e 350 morteiros, bem como à volta de 11 milhões de marcos para pagar às tropas terroristas.

Para tratar desta transacção de armas e dinheiro, Spínola veio de avião do seu exílio de Genebra. Aqui ele pensa estar no círculo dos seus correligionários alemães, que financiarão o seu projecto.

Na realidade, Spínola está sentado entre o jornalista alemão (de Colónia) Günter Wallraff e os seus amigos (pseudónimo "Hans"), a filóloga dr.^a Hella Schlumberger, um editor e o advogado deste, dr. Georg Meinecke, presidente do "Movimento Mundial dos Direitos do Homem".

EXPERIÊNCIA
EM PORTUGAL

Durante uma estadia de 3 meses em Portugal Wallraff, por acaso, pôs-se na pista dos conspiradores de extrema-direita, e ouviu pela primeira vez falar dos novos planos de golpe. Para indagar estes planos Wallraff fez-se passar por representante de círculos da alta finança de extrema-direita da República Federal Alemã. Sobre o modo como ele teve conhecimento dos vários graus da hierarquia terrorista e como, por fim, para sua surpresa, se viu diante do chefe, ex-general António de Spínola, que lhe revelou, sem cerimónia, os seus planos conspiratórios, conta Wallraff o seguinte:

"Devia ser apenas uma curta excursão ao Norte. Eu tinha vivido durante 3 meses numa cooperativa do Sul do Alentejo, onde os trabalhadores rurais e os jornalistas ocuparam 2/3 da terra e agora administram a sua própria terra em mais de 500 cooperativas legalizadas pelo governo.

"No Norte de Portugal é completamente diferente. Ai nunca houve uma dura miséria como no Alentejo, mas houve desde sempre uma larga camada de pequenos e médios agricultores e rendeiros. Eles sentem-se do seu próprio

torrão e são religiosos e conservadores.

No Norte a Igreja tem grande influência sobre a população. A maior parte das pessoas pouco mais sabe do que escrever o seu nome. A excepção do bispo do Porto, liberal antifascista, que teve de emigrar durante o regime de Salazar e que saudou a revolução de 25 de Abril como estando de acordo com a doutrina cristã, o resto do alto clero tem tido uma atitude mais que conservadora.

Em Braga, antiga e venerável cidade episcopal, reside o bispo de mais elevada categoria em Portugal, o arcebispo primaz Francisco Maria da Silva. A sua diocese é a mais rica da região,



As «negociações»: Spínola (de costas) acolitado pelos seus «acessores políticos» Luís Oliveira Dias e José Vale de Figueiredo. Wallraff aponta para qualquer coisa. Hella Schlumberger e outra testemunha (de cara vendada) assistem.

não só no que respeita aos proprietários laicos, como também ao número de padres. Ele tem sob a sua alçada mais padres do que todas as outras dioceses do Norte de Portugal juntas. Os jornais da região pertencem-lhe, bem como tipografias, editoras e acções (quotas-partes) em empreendimentos industriais. Desde o 25 de Abril que dos púlpitos da sua arquidiocese se fazem apelos à guerra contra a esquerda. Aí se desafia inquisitorialmente à "defumação dos ninhos vermelhos".

Quando os grupos de esclarecimento de soldados revolucionários se deslocaram às aldeias recônditas da província de Trás-os-Montes e depararam apenas com aldeões adultos, que pareciam não ter filhos, em breve se encontrou uma explicação para tal facto. Nas homilias e sermões tinha-se clamado: "Os comunistas querem tirar-vos os vossos filhos, para os pôr em escolas do partido". Por isso se tinham escondido cuidadosamente as crianças nas montanhas.

Quis ir a Braga. A pacífica cidade, rodeada de montes, tem 40000 habitantes. No distrito vivem 617000 pessoas, quase 10% da população de Portugal.

Além de dois carros queimados, e da sede do Partido Comunista (PCP), um edifício de dois andares, completamente queimado, nada, nesta cidade episcopal —

comparável talvez a Passau ou Regensburg — nos faria lembrar a violência e o terror.

Exteriormente tive a preocupação de me ajustar ao tipo humano mais conveniente para aquele local e de pôr uma etiqueta, que não me identificasse como sendo de esquerda.

Anel de brásão, pasta, o cabelo de 3 meses meticulosamente aparado no barbeiro, substituição do casaco de cabedal por um fato completo.

Informei-me junto do motorista de táxi onde é que em Braga podia encontrar as pessoas esforçadas, que tinham começado a correr com os

dominante?"

"Eles pensam que é melhor assim: eles protegem-me mas mesmo assim não é preciso que todos o saibam".

E continuou: "Muitos habitantes de Braga sabem que t e n h o u m a pistola-metralhadora e que não é apenas a brincar. Sabem que trabalho para o MDLP. Todos têm medo de mim, porque pensam que eu sou um assassino. (?). Mas não sou. Eu apenas defendo os que me pagam. Eu espero que eles um dia me recompensem. De contrário... (ele imita o movimento com a pistola-metralhadora)... Por exemplo, ontem à noite. A uns 100 metros daqui há um comunista que tem uma livraria, onde há sempre livros de esquerda. E vou eu e faço logo "ratatat". Ainda se podem ver as marcas das balas. É o 2.º aviso. Ele sabe que fui eu. Se na próxima semana ele continua a ter os livros na montra é ele que vai.

Também não tenho medo da polícia. Há pouco tempo

luxuoso. O comandante da polícia está do nosso lado".

Eu paguei uma rodada de "whisky". O "wisky" pôs o Eduardo mais alegre e ele contou como tinha passado refugiado clandestinamente pela fronteira, tinha sido preso, se tinha evadido sete vezes e, por fim, foi para a guerra por Portugal: "Por ti combati em Angola, Fernanda", pode ver-se tatuado no seu braço.

Tudo isto produz em mim a i m p r e s s ã o d e u m "Polit-western". Mas quando penso em históricos golpes fascistas, nas circunstâncias da morte do chanceler austríaco Dollfuss, em 1934, ou em Pinochet, no Chile — deve ser assim. Eu entro no jogo, mesmo que tenha tiradas de opereta.

Eduardo cumprimenta dois homens mais novos (...)

Aqui no Norte estão quase todas as pessoas ricas e influentes do nosso lado. Conheço pessoalmente alguns dos mais importantes, (...) que não querem ser vistas comigo oficialmente, como por exemplo os do CDS. Pagam apenas, em segredo e há conhecidos comerciantes, como o dr. Nicolau, que me pagam, a mim e aos outros, o soldo. O governo não deve saber nada acerca disto.

Galvão de Melo e Freitas do Amaral apoiam-nos firmemente.

"Quanto são vocês em Braga?"

Eduardo: "700 a 800".

Cumprimentam-se sempre com o braço direito estendido. Este é o cumprimento de luta do MDLP desde o 25 de Abril.

"Nós, do MDLP, estamos todos repartidos por quadros (Kader). Eu conheço, no máximo, 20 homens, dentre os seus membros..."

"Donde recebem as vossas armas?"

Eduardo: "Dantes, no ELP, eram armas automáticas americanas. O MDLP recebe-as de gente boa..."

"Onde é que se avança mais, no Norte ou no Sul?"

Eduardo: "Não sei ao certo. Tenho de perguntar aos chefes. Sem os chefes não sei fazer nada".

(continua amanhã)

GOVERNO SUÍÇO EXPULSA
SPÍNOLA E CÚMPLICES

BERNA — O Governo suíço ordenou a expulsão de António de Spínola do país, segundo indica um comunicado oficial ontem divulgado em Berna.

No comunicado, o ex-general é acusado de ter violado a lei que proíbe aos estrangeiros o exercício de actividades políticas a partir de território suíço.

António de Spínola, actuando em nome do Movimento Democrático de Libertação de Portugal (MDLP), e, em 22 de Março passado, em Genebra, autorizou dois ajudantes a efectuarem negociações no sentido de obter "apoio financeiro e logístico" para o seu movimento.

Luís Oliveira Dias, secretário de Spínola e participante no episódio do contacto com Wallraff, recebeu igualmente ordem de expulsão do neutral Governo suíço.

"O general Spínola", diz o comunicado oficial suíço, "entrou no nosso país vindo de França, com passaporte brasileiro válido, em 7 de Fevereiro último e declarou às autoridades responsáveis que pretendia ficar em Genebra por

motivos de saúde".

"O Ministério Federal", prossegue o comunicado, "iniciou uma investigação em 7 do corrente com base em crescentes suspeitas de que o general Spínola não cumpria as condições mediante as quais foi autorizado a permanecer na Suíça.

"A investigação demonstrou que tem estado activo em território suíço a favor do Movimento Democrático de Libertação de Portugal (MDLP).

"Entre outras coisas, autorizou dois ajudantes seus, em 22 de Março de 1976, em Genebra, a efectuar negociações para obter apoio financeiro e logístico para o seu movimento". concluiu o documento do Governo suíço.

Apesar de desmentidos vários provenientes de alguns colaboradores de Spínola, o Governo suíço manteve a sua posição. Infere-se daqui ter boas razões para o fazer, tanto mais que a sua tradicional posição de neutralidade o deixa a coberto de envolvimento em qualquer tipo de manobra tendo outros objectivos que não sejam as actividades do ex-general.